



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
BELÉM – PARÁ – BRASIL
04 a 07 de novembro de 2015
ISSN 978-85-89097-68-0**

**O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA NORMAL DE BELÉM
ENTRE 1950 E 1970: fragmentos de história**

**Cibele Borges de Sousa⁵⁷⁷
Maria Lúcia Chaves Pessoa Rocha⁵⁷⁸**

RESUMO

Este artigo visa tratar da pesquisa realizada no campo da Educação Matemática ao que se refere a uma história da Escola Normal em Belém do Pará sobre a ótica da disciplina matemática em meados do século XX. O estudo foi iniciado a partir da década de 1950; para o término do período investigado a década de 1970, visto que em 1971 há a promulgação da Lei 5.692/71 que extingue as Escolas Normais brasileiras. Esta temática foi problematizada a partir dos vestígios do passado. Tais como: as documentações existentes no arquivo da escola. Dessa forma questionamos: Qual e como a matemática daquela época era mobilizada? Para tanto, utilizamos, a priori, as fontes documentais existentes na instituição: os decretos-lei, as fichas individuais, relação nominal dos alunos e de professores. O percurso da pesquisa foi permeado por outras indagações como: Quais eram as disciplinas, na escola normal, que faziam parte da formação dos docentes? Quais eram os conteúdos ensinados na disciplina matemática? Como eram mobilizados estes conteúdos? Além das fontes documentais foram realizadas audições com duas ex-professoras da Escola Normal paraense e que fizeram parte daquela cultura escolar nas décadas mencionadas, além do entrecruzamento com os referenciais teóricos como: Certeau (2011); Chartier (2002); Chervel (1990); Thompsom (1992) e autores brasileiros como Valente (2009) e Mendes (2012). Esta história da Escola Normal foi constituída à luz dos referenciais apontados. Objetivei, dessa forma, tecer considerações acerca de como na Escola Normal de Belém eram mobilizados os conteúdos de matemática para a formação daquele alunado, bem como contribuir, nessa perspectiva, com a educação matemática brasileira. Esta pesquisa obteve como contribuição para a história da educação matemática uma história da instituição que foi escrita a partir dos depoimentos das ex-professoras e seus entrecruzamentos com as fontes, a exemplo o livro Curso de Matemática do autor Manoel Jairo Bezerra (1960).

Palavras-chave: História Cultural. Educação Matemática. Escola Normal. Matemática.

¹ Docente da Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC.
E-mail: cibe39sousa@yahoo.com.br.

² Docente do Instituto Federam do Pará – IFPA, Campus MNP.
E-mail: mlcprocha.ibest.com.br

INTRODUÇÃO

As seleções feitas inicialmente de pesquisas correlatas ao tema deste estudo revelaram a existência de textos que versam sobre as Escolas Normais a respeito de diversas óticas, dentre elas podemos ressaltar aquelas que o enfoque recai sobre os currículos e sobre a disciplina Matemática. Esta disciplina integrada ao currículo com sua gama de conteúdos distribuídos em três séries do ensino secundário. No Pará o Instituto Paraense de Educação (IEP), até 1942, foi um instituto formador de normalistas e apresentava elementos ímpares da cultura escola, pois era um instituto que tinha seu currículo e conteúdos das disciplinas com ênfase na formação de professores pré-primário e primário, como eram denominados à época. A disciplina matemática pertencia a todos os anos do ensino secundário normal até 1960.

Assumi a História Cultural para a Dimensão; como Abordagem será realizada a observação a partir da História Local e Regional; com relação ao tratamento das fontes foi utilizada a História Documental e a Memórias; com base no Domínio, será feita a relação dos objetos a partir da História da Instituição e com relação aos agentes históricos o diálogo deu-se a partir da História da Disciplina.

Como questões norteadoras apresentaram-se: Quais eram as disciplinas, na escola normal, que faziam parte da formação dos docentes? Quais eram os conteúdos ensinados na disciplina matemática? Como eram mobilizados estes conteúdos? Tais questões foram conduzindo para a compreensão do cenário na Escola Normal àquela época.

Para responder os questionamentos se estabeleceu como objetivo principal: sintetizar uma história da Escola Normal de Belém do Pará entre 1950 e 1970. Especificamente: Definir um panorama a partir da literatura referente à temática; Localizar documentos no arquivo da Escola Normal e na Coordenação de Documentação Escolar (CODOE); Selecionar dentre os documentos localizados aqueles que poderão ser utilizados como fontes históricas; Contrastar os fatos históricos com a literatura estabelecida.

QUESTÕES NORTEADORAS

No intuito de responder a problemática de pesquisa e, a seleção das fontes, inicialmente, foram os primeiros passos para o início da escrita desta história da educação

matemática, e, a partir delas, e seu, entrecruzamento com os referenciais, aqui adotados, foi agregando as entrevistas/conversas com ex-professoras da Escola Normal no sentido de preencher lacunas históricas, cujas fontes documentais nem sempre davam conta de contemplar, a exemplo: os conteúdos programáticos da disciplina matemática. Diante dos elementos citados pude argumentar mais solidamente sobre a importância da escrita da história da educação matemática paraense, por assim dizer, e com isso, fortalecer um dos propósitos acerca desta pesquisa.

Indagações iniciais se fizeram necessárias para que eu norteasse o estudo e fortalecesse minha compreensão acerca da Escola Normal. Faço explícitas aqui: Quais eram as disciplinas, na escola normal, que faziam parte da formação dos docentes? Quais eram os conteúdos ensinados na disciplina matemática? Como eram mobilizados estes conteúdos?

TRAJETÓRIAS

Iniciei o planejamento reconhecendo que uma pesquisa necessita de um grupo de ações que venham a possibilitar seu desenvolvimento e isso tem fundamental importância. Dessa forma, se fez necessário um planejamento primeiro e, ao mesmo tempo, contínuo, que fui dinamizando à medida em que apresentavam-se novas etapas a cumprir no percurso da pesquisa. Nesse sentido, esta pesquisa se insere no âmbito da história da educação matemática⁵⁷⁹. Com isso, e, a partir de interrogações sobre o contexto do Instituto de Educação do Pará (IEP) ao longo das décadas de 1950 a 1970, no que tange a disciplina matemática. Assim, foi definida a principal tarefa para a escrita dessa pesquisa. E, com isso, torná-la um testemunho da história da educação matemática para o Estado do Pará. Para tal, decidi enveredar por conhecer os instrumentos que os historiadores, atualmente, se utilizam e apropriar-me deles, bem como, das novas abordagens, para a escrita da história⁵⁸⁰.

⁵⁷⁹ Assumiremos aqui, segundo Silva; Valente (2009, p.11) a expressão “Educação Matemática” como o recente campo acadêmico, lugar de investigação sobre ensino e aprendizagem da Matemática e “educação matemática” remete-nos aos processos de ensino e aprendizagem da Matemática desde tempos imemoráveis, constituindo-se, assim, em tema de pesquisa dos estudos relativos à história da educação matemática.

⁵⁸⁰ Iniciamos o levantamento bibliográfico consultando o texto: “O campo da história.” (2004), pôde-se constatar a diversidade de subdivisões inerente ao Campo Histórico. Tais subdivisões são didaticamente organizadas por Barros (p. 19) o quadro, denominado: O Campo Histórico. Este se

Assumi a História Cultural para a Dimensão; como Abordagem será realizada a observação das fontes a partir da História Local e com relação ao tratamento das fontes será utilizada a História Documental e a História Oral; com base no Domínio, será feita a relação dos objetos a partir da História da Instituição e com relação aos agentes históricos o diálogo se dará a partir da História da Disciplina.

Ao examinamos obras que se referem aos mesmos domínios – correlatos com a temática aqui abordada – e com o propósito de fortalecer os argumentos para a escrita enveredei pelas leituras que proporcionaram a compreensão de conceitos próprios da historiografia e dessa forma me fundamentar para a realização da escrita. Os passos iniciais foram realizados e logo pude perceber que durante esse processo exploratório e compreender entre idas e vindas ao mesmo texto, acerca dos conceitos pertencentes à área da história para então iniciar as primeiras composições textuais sobre as bases conceituais, que julgamos necessária – eu e minha orientadora - e, dessa forma, foi constituindo-se esse trajeto de escrita. A compreensão e a utilização de tais conceitos estão sendo de fundamental importância para justificarmos com maior propriedade nossa escolha metodológica.

Nessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida no âmbito da História Cultural e traz como conceitos fundamentais: 1) História segundo Certeau (2001); 2) Educação Matemática⁵⁸¹, educação matemática e da história da Matemática, segundo Silva e Valente (2009); e 3) História Cultural de Roger Chartier (2002).

Em princípio se fez necessário trazer à tona a ideia de fonte histórica e algum de seus usos. Segundo Pinsky (2006, p. 10): “O uso de fonte também tem uma história porque os interesses dos historiadores variaram no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com identidades culturais.” Este uso poderá ser explicitado a partir do que for estabelecido com o objeto de pesquisa. Os interesses do historiador poderão corresponder a uma melhor, ou não, abordagem destas fontes e assim cumprir etapas que possibilitem a escrita de uma historiografia com mais ou menos lacunas.

subdivide em três “ramos”: Dimensões, Abordagens e Domínios. Dessa forma, a Dimensão é o primeiro plano da pesquisa neste Campo, e, é o modo de ver do pesquisador (enfoque); a Abordagem é o modo de fazer a pesquisa, os métodos a serem utilizados e, por exemplo, a partir do uso das fontes; e o Domínio se trata de uma escolha específica, é o campo temático.

⁵⁸¹ Campo acadêmico.

Na perspectiva da construção historiográfica o livro: “A escrita da história.” de Michel de Certeau (2011) contribui, no sentido de nos esclarecer, acerca do fazer historiográfico. Segundo o autor:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.

(CERTEAU, 2011, p.47)

Certeau fez-me refletir acerca do fazer história, do lugar de produção, dos métodos a serem utilizados e sobre as condições que são e/ou serão impostas no percurso da investigação.

No texto: “A oficina do historiador de matemática: Cadernos de Alunos como fontes de pesquisa.”, Silva e Valente (2009), apresentam considerações acerca dos “[...] diversos modos existentes que tratam da história da educação matemática [...]” (p.11). Além de distinguir as expressões: “Educação Matemática” de “educação matemática”, pois se fez necessário, visto que tais expressões têm significados distintos para a perspectiva dos textos da área. Neste caso, em específico, os autores vêm esclarecer os significados de expressões fundamentais na área da Educação Matemática. Assim,

Neste texto distinguimos “Educação Matemática” de “educação matemática”. A primeira expressão designa o recente campo acadêmico, lugar de investigações sobre ensino e aprendizagem da Matemática. Uma referência fundadora, no Brasil, desse campo pode ser dada pela criação da SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática, no ano de 1988. A segunda expressão remete aos processos de ensino e aprendizagem da Matemática desde tempos imemoriais, constituindo-se, assim, em tema de pesquisa dos estudos relativos à história da educação matemática. De todo modo, a distinção se faz necessária para que não se pense que por “história da educação matemática” estivessem apenas alocados os estudos pós anos 1980, ou mesmo restritos à história do campo de pesquisa.

(SILVA E VALENTE, 2009, p.11)

Feita tal distinção e corroborando Silva e Valente (2009) acerca dos significados expostos acima iniciei os primeiros entrelaçamentos dos conceitos necessários para uma escrita à luz da historiografia.

Na sequência, apresento o conceito de História Cultural a partir de Roger Chartier (2002):

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro se torna inteligível e o espaço ser decifrado.

(CHARTIER, 2002, p. 16-17)

O sentido de assumirmos um referencial conceitual para a historiografia é o de conduzir nosso olhar, a partir de considerações organizadas por Chartier, acerca das "categorias fundamentais de percepção e apreciação do real". As categorias criadas pelo autor no sentido de evidenciar sua metodologia aportam para três noções: representação, prática e apropriação.

Para uma compreensão da noção de representação e prática no mundo social, se fez necessário adentrar nesse campo por demais subjetivo e, para tal, recorreu-se à Chartier que apresenta:

Mas do que o conceito de mentalidade, ela (a noção de representação) permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer conhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente, um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns "representantes" (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

(CHARTIER, 1990, p. 23 *apud* VALENTE, 2009, p.17)

À vista disto, as noções de representação e prática nos permitem olhar para os diferentes grupos sociais com uma maneira própria, singular, marcando sua presença a partir de significados que legitimam a existência destes diferentes grupos. Para além, Burke (2005, p.78) compartilha que: "... os historiadores culturais a se preocuparem com as representações e as práticas, os dois aspectos característicos da NHC⁵⁸² segundo um de seus líderes, Roger Chartier." Para que se possa apreender sobre a identidade de um grupo, por exemplo.

Quanto à ideia de apropriação, que também está sendo mobilizado ao longo deste estudo, e, ganha destaque a partir de Chartier (1990, p.26-27 *apud* MARQUES, 2013, p.156) e, o autor, nos expõe que:

⁵⁸² A sigla NHC refere-se à Nova História Cultural. Esta expressão "entrou em uso no final da década de 1980. [...] A NHC é a forma dominante da história cultural. [...]” (BURKE, 2005, p.68).

A apropriação tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetida para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação e leitura, mais em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais inviáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

(CHARTIER (1990, p.26-27 *apud* MARQUES, 2013, p. 156)

Nesse sentido, as apropriações das práticas culturais dão significado ao mundo de forma plural constituindo assim, as mais distintas, formas de interpretação e de construção de sentidos.

No texto: “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.”, Chervel (1988) traz à tona reflexões acerca deste campo de pesquisa. Para ele, a história das disciplinas escolares não foi negligenciada pelos pesquisadores, mas estes manifestaram interesse por outras áreas da história:

A história dos conteúdos de ensino, e, sobretudo a história das disciplinas escolares, representa a lacuna mais grave na historiografia francesa no ensino, lacuna sublinhada deste há meio século. [...]

[...] A história das disciplinas escolares não deve, entretanto ser considerada como uma parte negligenciada da história do ensino que, depois de corrigida, viria a lhe acrescentar alguns capítulos.

(CHERVEL, 1988, p. 8-9)

Dessa forma, escrever a história das disciplinas escolares é uma tarefa que desafia os historiadores. Chervel afirma que: “A tarefa primeira do historiador das disciplinas escolares é estudar os conteúdos explícitos de o ensino disciplinar.” (p.34). E assim nos aponta um caminho.

Outro percurso para um trabalho historiográfico segundo Vidal (*apud* VALENTE, 2004, p.1-2), poderia ser o de utilizar como fonte os arquivos escolares:

[...] a investigação histórica em educação no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990, vem se interrogando acerca da propriedade em conceber escola como produtora de uma cultura própria e original, constituída e constituinte, também, da cultura social [...] se endereça a localizar, sistematizar, organizar, socializar e problematizar as fontes para a pesquisa em história da educação. Assim, não apenas as tradicionais fontes legais e estatísticas vêm sendo revisitadas, como uma parcela consistente dos investigadores da área, individual e coletivamente, tem se lançado ao desafio de ampliar a massa documental à disposição do campo, o que em alguns casos vem conduzindo à constituição de Centros de Memória e Documentação; e de se inserir no debate epistemológico que tal ampliação envolve. Nesse percurso, os arquivos escolares têm chamado cada vez mais a atenção dos historiadores da educação brasileira e se constituído em tema de discussão.

VIDAL (*apud* VALENTE, 2004, p.1-2)

Para além desta discussão os arquivos escolares das instituições mantêm seus acervos, mesmo que, com dificuldades. Dentre algumas delas, podemos citar para exemplificar: a má conservação dos documentos, locais inadequados de guarda, falta de funcionários especializados. Essas dificuldades causam problemas na preservação do acervo, para o acesso e à consulta desse patrimônio histórico e até mesmo restrições para o manuseio destes. Tais dificuldades, a meu ver, limitam o interesse para outras pesquisas em se tratando de ambientes, por muitas vezes pouco acessíveis.

Thompson (1992) em *A Voz do Passado* expõe que

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

(THOMPSON, 1992, p.22)

Portanto, utilizar a história oral como sendo uma das vias para a construção de uma versão da historiografia da Escola Normal e a partir de entrecruzamentos de depoimentos das ex-professoras que estiveram envolvidas com aquela cultura escolar e que hoje estão ligadas aos objetivos desta pesquisa traz, por assim dizer, uma maneira de: “[...] reforçar e legitimar a identidade de grupos comumente marginalizados.”, e assim dar voz para aqueles que vivenciaram a cultura escolar na Escola Normal e voz esta que contribui para a criação de links entre os depoimentos e fatos documentais.

Cada depoente, a partir, de suas narrações, lançou pistas, a exemplo: o nome da bibliografia utilizada à época. Assim, pude seguir a diante e, assim ir à busca dos conteúdos contidos nele.

Fatos históricos acerca da cultura escolar brasileira, também, veem permeando a composição deste texto e fortalecendo o argumento da construção da ambiência histórica. Nesse sentido, recorreremos a livros, textos acadêmicos, jornais, legislação educacional, dentre outros acervos, vislumbrando possibilitar o desvelar de nosso olhar acerca do tempo e do espaço em questão.

No tocante ao ensino de matemática e à formação de professores do curso normal no Instituto de Educação do Pará (IEP) busquei por pesquisas com temáticas afins para a elaboração de um panorama bibliográfico a serem selecionadas. Dessa forma, trazemos à

cena a tese de doutoramento de Tavares Junior (2011): A Escola Normal e a Cidade de Belém do Pará em Tempos de Modernização (1890 – 1920), a qual foi consultada e nos fez refletir acerca do percurso que tomaria esta pesquisa. O autor, que é um historiador, mostra as transformações do espaço urbano no final do século XIX:

A cidade onde se instalou a Escola Normal chama-se Santa Maria de Belém do Grão Pará. Em 1890 contava com uma população de 50.054 pessoas.
Cidade quase ilha, ou numa referência poética de Fábio Castro: "a cidade crescia... espalhava-se na forma de um seio feminino" (CASTRO, 2010: 158) com seus encontros culturais multiétnicos em função de uma grande imigração.
(TAVARES JUNIOR, 2011, p.2)

A forma que o autor envolve o leitor colocando-o no cenário e no espaço urbano de Belém vem revelar, o momento em que a Escola Normal surge no contexto paraense e, assim, convidar-nos a reflexões sobre quem eram os sujeitos partícipes do início da tradição daquela instituição. Mesmo que esta pesquisa, não faça menção acerca da história da disciplina Matemática. Em nossos levantamentos encontramos esta pesquisa como a mais recente sobre aquela instituição e fora publicada em 2013.

Barros (2010) também expôs sobre a Escola Normal em sua dissertação de mestrado intitulada: "Escola Normal do Pará e a Introdução do Ensino das ciências Naturais no Pará. (1870 A 1930)", a qual objetivou: "analisar o currículo da Escola Normal do Pará, mais especificamente no que se refere às Ciências Naturais que constaram em sua estrutura, desde 1870 até 1930." (p.7) e, se encontrava, à época, vinculado ao Instituto de Educação Matemáticas e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Estado do Pará (UFPA).

A pesquisa realizada por Barros (2010) objetivou analisar o currículo da Escola Normal no período de 1870 a 1930 em Belém do Pará, o autor traz a cena as Ciências Naturais e sua trajetória no currículo da instituição e:

[...] analisa esta trajetória partindo do pressuposto que o currículo é um artefato social e histórico, sujeito a flutuações e que refletiu e continua a refletir as relações de poder envolvidas nos processos de seleção e transmissão cultural.
(BARROS, 2010, p.8)

Barros fez um levantamento histórico acerca da instituição Escola Normal, por este motivo o citamos e por entender que seu olhar nos remete a outros olhares diferenciados – a partir de outro pesquisador – que estudou a mesma instituição a qual pesquisei e em épocas distintas.

Entretanto, a pesquisa realizada por Barros (2010), apesar de ser relacionada ao tema em questão, notou-se que esta se distancia das décadas de 1950 a 1970, embora, também verse sobre as Ciências Naturais nos currículos do IEP.

O panorama traçado por Martins (2013) no campo da Educação Matemática, sobre a cidade de Jaú, região centro-oeste de São Paulo das décadas de 1920, 1930, 1940 vem agregar, ainda maior, pertinência aos elementos metodológicos utilizados para nosso percurso metodológico – a História Oral – uma delas, que também (vem compor a metodologia híbrida) que foi escolhida para análise das fontes produzidas ao longo da pesquisa.

Ele descreve, em ricos detalhes, os passos feitos em sua pesquisa de doutoramento e cita alguns dos depoimentos recolhidos e alguns resultados preliminares. Em alguns desses depoimentos cita o curso normal naquela região do país àquela época, a exemplo o Martins⁵⁸³ escreve:

Ao terminar o curso Normal, aqueles professores que não tinham nenhum contato nas cidades, iniciavam estágios nas escolas das fazendas, com o objetivo de acumular pontos. No final de cada ano entravam em concurso, realizado na capital – São Paulo - e iam dar aulas em Escolas Isoladas (em geral localizadas em fazendas ou pequenas vilas, distantes da cidade) [...].

(MARTINS, 2013, p. 74)

Reis (2012) dialoga acerca da Escola Normal no Brasil e contribui com esta a partir de seu artigo: “A história oral como metodologia de pesquisa: um olhar sobre a Escola Normal em Campo Grande.”; e, nele vem afirmar que:

Dentre os cursos de formação de professores no Brasil estão as Escola Normais, criadas no século XIX para atender à demanda de docentes primários após o ensino primário passar a ser responsabilidade das províncias. Inicialmente, essas instituições ficaram marcadas funcionamento instável devido ao grande processo de criação e extinção, sendo desativada, ora por falta de alunos, ora por falta de continuidade administrativa, situação que começou a mudar em 1899, no início da Primeira República.

(REIS, 2012, p. 2)

A citação revela que em determinado momento da história do país os cursos de formação de professores, funcionavam de forma bastante instável, e, com a Primeira

⁵⁸³ É participante do Grupo de Pesquisa de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), vinculado a UNESP-Rio, juntamente com o Prof. Dr. Antonio Vicente Garnica, a época, seu orientador. O professor Garnica vem contribuindo com nossa formação e no intuito de agregar, ainda mais, argumentos e possibilidades da utilização de outros instrumentos que possam vir a serem utilizados nas análises desta e, segundo a abordagem História Oral, de futuras fontes geradas a partir de entrevistas com pessoas que participaram daquele momento histórico na Escola Normal.

República, foram dados os primeiros passos para o funcionamento das Escolas Normais de forma contínua.

Reis (2012), expressa, que: “[...] Houve um aumento no número de escolas, entretanto, insuficiente e insatisfatório em relação à qualidade, e conseqüentemente, à necessidade de formar professores” (2012, p.4). Assim, nos provoca reflexões acerca da necessidade em se aumentar o número de professores no Brasil, pois a nação vivia mudanças em diversas áreas estruturais, dentre elas a educacional.

Um panorama estava posto em decorrência do levantamento bibliográfico e dessa forma pude constatar que as pesquisas, como as citadas acima, acerca da temática Escola Normal, assim, no tocante a Educação Matemática no Brasil e como foco a Escola Normal ao longo do tempo esse tema é recorrente, mas no tocante a disciplina matemática a pesquisa vem para agregar valor, bem como ressaltar a matemática mobilizada entre as décadas de 1950 a 1970 a partir de um híbrido metodológico e, até, propiciar uma historiografia da instituição sob outros olhares. Tal híbrido metodológico foi tema de discussão no texto de Mendes (2012) sobre as tendências de estudos na área:

As tendências atuais das pesquisas em História da Matemática, incluindo a História da Educação Matemática, têm mostrado algumas modalidades que se caracterizam pela migração conceitual e pela hibridação conceitual, ou seja, as informações são rearranjadas de modo a dar significados aos estudos realizados. Isso significa que há uma reorganização de técnicas e formas de conceber e construir a verdade na história do conhecimento tendo em vista tecer um novo panorama da história em diversos contextos, áreas e épocas. É dessa reorganização metodológica de pesquisa, caracterizada por uma bricolagem de técnicas, que o historiador traça seus planos de estudos e pesquisas de modo a aproximar-se, o máximo possível, da verdade que pretende instituir no seu percurso historiográfico. Desse movimento surgiu, então, uma série de relações que implicaram nas novas tendências nas pesquisas em história da Matemática.
(MENDES, 2012, p.468)

Dessa e de outras formas a área vem ganhando mais possibilidades para a escrita e os pesquisadores, cada vez mais, vem tecendo metodologias para a utilização nas pesquisas que discutem História da Matemática e História da Educação Matemática.

Corroboramos com Silva (2015) quando este explana sobre a atualidade em se realizar um percurso de pesquisa apoiados em teóricos para a formação/utilização de uma híbrido metodológico, a esse respeito:

Percebe-se que, atualmente, as histórias de vida, as biografias de matemáticos, e professores de Matemática do passado, foram se incorporando às pesquisas em Educação Matemática. Elas trazem contribuições importantes para a formação de professores dessa área de conhecimento, visto que essa abordagem se caracteriza pelo uso de multireferencialidade teórica na investigação e análise dos

objetos estudados/investigados na Educação Matemática. Os estudos em história da Matemática e da Educação Matemática vêm apresentando, a partir da última década do século XX, enfoques nas histórias de vida e formação, apoiando-se na história oral como um método de pesquisa e na organização da memória da Educação Matemática no Brasil.

(SILVA, 2015, p. 19)

Reforça desse modo nosso argumento quando trazemos a história oral como uma das opções metodológicas dessa pesquisa.

Um dos livros imprescindíveis para a composição deste texto e ao qual tomamos por base foi a obra do escritor Altamir Souza⁵⁸⁴, intitulada: *Apontamentos para a História do Instituto de Educação do Pará* (1972). Dentre diversas notas, portarias e notas bibliográficas encontram-se informações até 1971, ano este em que o educandário completou 100 anos, e que através de um olhar, inicialmente curioso, pude extrair detalhes expressivos da história do Instituto.

O texto de Souza (1972) refere-se a uma produção acerca de diversos olhares para o IEP. Apesar dos múltiplos olhares, o meu voltou-se para as contribuições acerca das diversas disciplinas lecionadas no educandário, para a citação das legislações e de forma ainda mais particular para as coleções de listas nominais dos professores das disciplinas que até 1971 compuseram a história e a formação do alunado do IEP. As listas nominais foram compostas a partir da seguinte classificação: Efetivos, Interinos ou Equiparados.

Souza (1992) a despeito da

Relação de professores efetivos e interinos no período de 1890 a 1970. As datas são dos decretos de nomeações. Exceção dos interinos a partir de 1954, que correspondem ao início dos trabalhos letivos como professores de turmas suplementares.

(SOUZA, 1972, p.92)

Souza (1972) faz referência aos professores que fizeram parte da formação das normalistas até o ano de 1971, bem como as datas dos Decretos de nomeação dos mesmos apenas dos professores efetivos e equiparados, bem como se refere as datas do início dos trabalhos letivos para os interinos e apresenta um lista nominal dos mesmos a partir do ano de 1951 até 1970.

As informações contidas no livro de Souza (1972) foram fundamentais para o início da entrevista com as ex-professoras Maria Ferreira e Eneida Norat no tocante a cultura escolar do IEP, suas formações acadêmicas, profissionais e acerca do seu fazer

⁵⁸⁴ Foi professor do Instituto de Educação do Pará e presidiu de uma Comissão que organizou, a partir de 1968, os Anais da antiga Escola e desta originou-se a obra supracitada.

educativo no tocante as disciplinas que ministraram enquanto professoras do IEP. A partir das entrevistas pude escrever os traços biográficos das professoras, bem como, entrelaçar suas informações com as grades curriculares do IEP, analisar o manual didático curso de matemática, autor Manoel Jairo Bezerra (1960), bem como fazer conexões entre os conteúdos deste manual com os programas mínimos e as orientações metodológicas expedidas pela Portaria nº 1045 de 1951. Para tanto a organização utilizada para materializar estes entrecruzamentos de informações foi a elaboração de sete quadros comparativos que apresento com detalhes em minha dissertação e que sintetizam a forma como os professores do IEP deveriam mobilizar os conteúdos da disciplina matemática nas três séries referentes ao curso normal.

CONSIDERAÇÕES

Fatos como: as Reformas no ensino, as transformações educacionais brasileiras, o Movimento da Matemática Moderna, as legislações federais e estaduais, que permeiam o texto e foram compondo esta escrita e fui privilegiando, com o intuito de contemplar os objetivos traçados fazer conexões com os fatos emergidos a partir da problemática anteriormente elencada. E, de forma intencional, ao final desta escrita chegar a um material de consulta para fins de pesquisas futuras. Este caminho escolhido, em meu entendimento, não comprometeu a escrita do texto, nem tão pouco sua estética, pelo contrário, veio fortalecer os argumentos que sustentei e que permearam a pesquisa e que fora aportada pela base teórica escolhida, bem como pelo recorte temporal e espacial do objeto de pesquisa. Faço ressaltar que os entrelaces histórico e os legislativos que compuseram o percurso formativo das normalistas no Pará pelo viés da disciplina matemática foi tratado a partir dos entrecruzamentos de: entrevistas, fontes documentais, legislação e o livro do autor Manoel Jairo Bezerra, Curso de Matemática (1960).

O programa mínimo descrito na portaria e o índice do Manual Didático: Curso de Matemática (1960) do autor Manoel Jairo Bezerra, acrescidos das descrições, em seu depoimento, da professora Eneida Norat fizeram com que emergissem práticas e as representações envolvidas naquela cultura escolar entre as décadas de 1950 e 1970 nas aulas de matemática. Dessa maneira uma das nuances da formação das normalistas,

sintetizada por esta pesquisa, vem para contribuir para a história da educação matemática no Pará.

A discussão feita nesta pesquisa de como era realizada mobilização dos conteúdos da disciplina matemática deu-se a partir da descrição dos conteúdos do livro, das orientações da Portaria nº. 1045 de 1951 bem como os entrelaces com o depoimento da professora Eneida Norat.

A construção dessa história trouxe contribuições para a história da educação matemática, tal como: uma primeira história da disciplina matemática do IEP com o foco na disciplina Matemática. Nesse sentido trouxe à tona fragmentos da história daquela instituição que formou normalistas com conhecimentos gerais, mais também com saberes que tinham por objetivo a formação para a futura profissão: ser docente.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. B. A escola normal do Pará e a introdução do ensino das Ciências Naturais no Pará (1870 a 1930). Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) – Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

BURKE, Peter (org.); LOPES, Magda (tradução). A escrita da história: Novas perspectivas, São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Col. Memória e Sociedade. Trad. Márcia Manuela Galhardo. Ed. 2. DIFEL, 2002.

CHERVEL, R. A história das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação. Porto Alegre. N.2, 1990.

GARNICA, A. V. M. . História Oral e Educação Matemática - um inventário. Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006

MARTINS,R.M. História Escolar no Interior do Estado de São Paulo, (re) visitando o passado. (p. 70-75).<<http://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-tematicos-2.pdf>>Acessado em:12 dez de 2013.

MARQUES, J.A.O. O manual pedagógico de Margarita Comas para o ensino de matemática no curso primário brasileiro em tempos de Escola Nova, RPEM, Campo Mourão, Pr, v2, n.3, jul-dez, 2013.

MENDES, I. A. Tendências da Pesquisa em História da Matemática no Brasil: A Propósito das Dissertações e Teses (1990 – 2010), Educ. Matem. Pesq., São Paulo, v.14, n.3, pp.465-480, 2012

PINSYK, C. B.(org.). Fontes históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REIS, A. C. de S. R. A história como metodologia de pesquisa: um olhar sobre a Escola Normal em Campo Grande. UFMS. 2012. Disponível em: <http://www.uems.br/eventos/semana2012/arquivos/49_2012-09-28_15-35-16.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2013.

SILVA, Maria Célia Leme da; VALENTE, W. R. Na oficina do historiador da educação matemática: Cadernos de alunos como fontes de pesquisa/ Maria Célia Leme da Silva; Wagner Rodrigues Valente; Organizado por Iran Abreu Mendes e Miguel Chaquiam – Belém: SBHMT, 2009. (Coleção História da Matemática para Professores, 19).

SILVA, Neivaldo Oliveira. Educação Matemática no Pará: genealogia, institucionalização e traços marcantes. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2015. – (Coleção história da matemática para professores).

SOUZA, Altamir, Ferreira de. Apontamentos para a História do Instituto de Educação do Pará. Belém: Imprensa Oficial do Estado. 1972

TAVARES JUNIOR, R. W. A carroça e o bonde: Encontros e desencontros culturais na Belém Belle Époque. – São Paulo – Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – julho, 2011.

THOMPSON, Paul, 1935- A voz do passado: história oral/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDAL, D. G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. Escola de Aplicação: o arquivo da escola e a memória escolar. CD-ROM, FEUSP/FAPESP, 2004.